



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFAP
CAMPUS LARANJAL DO JARI
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADRIENE SANTOS DE ANDRADE
FRANCIELE SILVA DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O SISTEMA DE RELACIONAMENTO
ENTRE PROFESSOR-ALUNO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

LARANJAL DO JARI

2022

ADRIENE SANTOS DE ANDRADE
FRANCIELE SILVA DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O SISTEMA DE RELACIONAMENTO
ENTRE PROFESSOR-ALUNO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Laranjal do Jari, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.
Orientador: Prof. Rafael Dantas Dias

LARANJAL DO JARI

2022

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A553e Andrade, Adriene Santos de
 A educação de jovens e adultos e o sistema de relacionamento entre professor-aluno / Adriene Santos de Andrade, Franciele Silva dos Santos. - Laranjal do Jari, 2022.
 37 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Laranjal do Jari, Curso de Licenciatura em Pedagogia (Ead), 2022.

Orientador: Rafael Dantas Dias.

1. Afetividade . 2. Eja. 3. Levantamento bibliográfico . I. Santos, Franciele Silva dos. I. Dias, Rafael Dantas, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ADRIENE SANTOS DE ANDRADE
FRANCIELE SILVA DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O SISTEMA DE RELACIONAMENTO
ENTRE PROFESSOR-ALUNO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho apresentado como requisito de avaliação da Disciplina TCC do curso Superior de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, Campus Laranjal do Jari.

BANCA EXAMINADORA

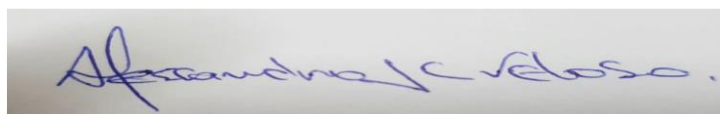


Professor Me. Rafael Dantas Dias
Orientador e Presidente da Comissão



Professora Esp. Marcileide Pimenta de Freitas
Membro parecerista

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - Campus Laranjal do
Jari



Professor Esp. Alessandro de Jesus Carvalho Veloso
Membro parecerista

Aprovada (o) em: 19/05/2022

Nota: 82

Eu Franciele Silva dos Santos, dedico este trabalho a minha querida mãe Maria Francinete Ribeiro da Silva (in memoriam), com muito amor e saudades, a quem agradeço por todas as bases que deu para me tornar a pessoa que sou hoje, e aos meus filhos Gabriel Alerrandro, Hanna vitória, Jaicielly Lorrany e Fernando Silva, que são minha razão de viver e por quem busco ser melhor a cada dia.

Eu Adriene Santos de Andrade, dedico este trabalho a minha mãe Maria Edinelza dos Santos, que é minha maior fonte de inspiração e sempre proporcionou meios para que eu chegasse até aqui, ao meu filho Inácio Santos de Souza que é meu “combustível” para não desistir dos meus sonhos, ao meu esposo Flávio Souza que sempre acreditou no meu potencial me dando todo apoio para seguir essa jornada. Por fim, mas não menos importantante dedicamos também este trabalho a nós mesmas, por todas as noites em claro de muita dedicação e disciplina em busca de conhecimentos e oportunidades de ascensão social para nós e nossa família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter nos permitido que tivéssemos saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho. Aos amigos, que sempre estiveram ao nosso lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que nos dedicamos a este trabalho.

Ao professor Me. Rafael Dantas, por ter sido nosso orientador, as professoras, Marcileide Pimenta de Freitas e Marcia Távora do Nascimento pelos conselhos e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional ao longo do curso e a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Aos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo o nosso processo de aprendizado.

Às pessoas com quem convivemos ao longo desses anos de curso, que nos incentivaram e que certamente tiveram impacto em nossa formação acadêmica. Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando. À instituição de ensino, Instituto Federal de Ciências e Tecnologias do Amapá, que foi essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Número de matrículas na EJA e porcentagem de matrículas integradas à Educação Profissional – 2020	15
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de matrículas na EJA – Brasil – 2010 e 2020	14
Quadro 2 – Estudos envolvendo a Afetividade e o EJA	22

RESUMO

A afetividade é uma prática bastante comum para os anos iniciais escolares, devido ao processo de desapego das crianças em relação a sua casa. Nesse momento, o professor constrói laços de afeto e amizade com seus alunos, em uma busca de melhorar o desempenho dos mesmos na sala de aula. Na Educação de Jovens e Adultos a afetividade possui características parecidas, em vista que a mesma busca tornar a sala de aula um local seguro e com respeito, onde os alunos consigam se expressar de forma coerente. Nesta perspectiva o presente trabalho teve como objetivo realizar uma análise de estudos que demonstrem a relevância da afetividade na Educação de Jovens e Adultos. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se a metodologia de levantamento bibliográfico, sendo realizado nas principais plataformas acadêmicas como o Scielo, Google Scholar, Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, além dos indexadores acadêmicos das bibliotecas de universidades brasileiras. Tendo como recorte temporal o período de 2015 a 2021. No levantamento realizado encontrou-se 8 estudos que mostram a relevância da afetividade na Educação de Jovens e Adultos. Observou-se que a afetividade é vista como uma ferramenta pedagógica que evita a evasão escolar que é bastante presente no EJA, além de estabelecer relações de amizade e companheirismo entre o professor-aluno e aluno-aluno. Conclui-se que a afetividade é uma aliada de grande relevância para impedir a evasão no EJA e construir uma relação saudável entre os professores e os alunos.

Palavras-chave: Afetividade. EJA. Levantamento Bibliográfico.

ABSTRACT

Affection is a very common practice for the early school years, due to the children's process of detachment from their home. At that moment, the teacher builds bonds of affection and friendship with his students, in an attempt to improve their performance in the classroom. In Youth and Adult Education, affectivity has similar characteristics, as it seeks to make the classroom a safe and respectful place, where students can express themselves in a coherent way. In this perspective, the present work aimed to carry out an analysis of studies that demonstrate the relevance of affectivity in Youth and Adult Education. To reach the proposed objectives, the bibliographic survey methodology was used, being carried out in the main academic platforms such as Scielo, Google Scholar, National Library of Theses and Dissertations, in addition to academic indexers of Brazilian university libraries. Taking the period from 2015 to 2021 as a time frame. In the survey conducted, 8 studies were found that show the relevance of affectivity in Youth and Adult Education. It was observed that affectivity is seen as a pedagogical tool that prevents school dropout, which is quite present in EJA, in addition to establishing friendship and companionship relationships between teacher-student and student-student. It is concluded that affectivity is a highly relevant ally to prevent EJA evasion and build a healthy relationship between teachers and students.

Keywords: Affection. EJA. Bibliographic Survey.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	9
2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ATUALIDADE	12
2.3 CONCEITUANDO A AFETIVIDADE	16
2.4 CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	18
2.5 A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 TIPO DE ESTUDO	21
3.2 COLETA DE DADOS.....	21
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito fundamental do ser humano, garantido pela Constituição Federal, através dela o indivíduo desenvolve-se como um ser social e sabe seu papel na sociedade. A questão educacional no Brasil é bastante complexa, visto que grande parte da população brasileira não possui acesso à educação de qualidade, nem possuem incentivos para continuar na escola.

Em uma tentativa de diminuir os índices de analfabetismo e evasão escolar foram elaborados os cursos de educação básica na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). O EJA surge como uma ferramenta social que visa oferecer oportunidades para aquelas pessoas que não puderam estudar ou que por algum motivo tiveram que abandonar os estudos em alguma etapa da sua vida. Ressalta-se ainda que a regulamentação desses cursos trouxe para a população brasileira uma educação de qualidade, gratuita e que trabalhe com base nas necessidades e especificidades de cada indivíduo, conforme explicitado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96. (BRASIL, 1996). Ainda sobre a LDB, nota-se em seu artigo 37 que “a educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996, p. 12).

Nesse processo educacional é importante que a relação entre o professor e o aluno seja construída a partir de sentimentos positivos, tendo em vista que uma grande parcela de alunos que frequentam o EJA possui problemas relacionados a baixa autoestima, vergonha e a timidez, especialmente pelo fato de não terem frequentado a escola na educação básica. A afetividade torna-se então uma ferramenta de grande importância para a permanência dos alunos no EJA, evitando assim o aumento dos casos de evasão bastante comuns nessa modalidade de ensino (TASSONI; LEITE 2013).

Neste cenário, surge o questionamento desta pesquisa: Qual o papel do processo de afetividade na EJA? Na busca por responder esse questionamento tem-se o objetivo da pesquisa: realizar uma análise de estudos que demonstrem a relevância da afetividade na Educação de Jovens e Adultos. Além dos objetivos específicos: Verificar os aspectos positivos da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no EJA; Analisar as contribuições da afetividade na EJA. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se a metodologia de levantamento bibliográfico, sendo realizado nas principais plataformas acadêmicas como o Scielo, Google Scholar, Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações,

além dos indexadores acadêmicos das bibliotecas de universidades brasileiras. Tendo como recorte temporal o período de 2015 a 2021.

A estrutura do presente trabalho está disposta da seguinte forma. Introdução trazendo uma breve contextualização da temática da Educação de Jovens e Adultos, os objetivos da pesquisa, a justificativa e a relevância do trabalho para toda a sociedade. Na segunda parte tem-se o referencial teórico que foi subdividido em alguns tópicos de grande relevância para o debate acerca da temática aqui abordada. No primeiro tópico tem-se a construção da Educação de Jovens e Adultos dentro do contexto brasileiro, faz-se referência aos movimentos precursores dessa abordagem. No segundo tópico evidenciou um debate sobre como a Educação de Jovens e Adultos vem sendo desenvolvida na atualidade. Os três tópicos seguintes trazem um debate sobre a afetividade e como ela influencia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, em especial os alunos integrantes da Educação de Jovens e Adultos.

A terceira parte do trabalho consta a metodologia aplicada para a realização desse trabalho, apontando os principais métodos para a coleta de dados, as estratégias utilizadas para realizar a tabulação dos mesmos e a abordagem utilizada para a finalização desse trabalho. Tem-se também no tópico seguinte os principais estudos encontrados que utilizam a afetividade como uma abordagem dentro do processo de ensino e aprendizagem, assim como as suas contribuições para a Educação de Jovens e Adultos. Na quarta parte encontra-se as considerações finais atribuídas através dos trabalhos encontrados, as principais dificuldades durante o processo de realização deste trabalho, assim como as novas perspectivas para trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Ao analisar o contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, nota-se que o mesmo é traçado por lutas sociais e históricas dentro da educação brasileira. A EJA esteve sempre presente no contexto da educação brasileira, percebe-se que nesse cenário a EJA desponta-se como uma das manifestações da educação em seu sentido mais amplo, frisa-se também a existência de movimentações políticas que fazem parte desse processo histórico e educacional (ARROYO, 2017).

Não se pode falar da EJA, sem mencionar os movimentos políticos que a tornaram possível, como o Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco, tem-se em Natal a Campanha de Pé no Chão também se aprende a Ler, ressalta-se ainda um movimento de grande relevância o Movimento de Educação de Base (MEB/Centros Populares de Cultura (CPC's), estes possuíam ligação direta com a Igreja Católica, além da política de educação do governo de Jango que tinha como organizador o educador Paulo Freire através do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA) (HADDAD, 2006).

Na década de 1960, Freire é encarregado de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA). O convite foi feito pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos. "Aprovado pelo Decreto 53.465, de 21 de janeiro de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos orientados pela proposta de Freire previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, que alfabetizaria 2 milhões de pessoas" (EUGÊNIO, 2004, p. 42-43).

Observa-se então que Paulo Freire foi um dos primeiros teóricos a participar dos movimentos para a construção dos programas educacionais para a alfabetização de adultos que não tiveram oportunidade de cursar a educação básica em seu período de infância.

Nota-se ainda que com a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA), em 1964, os programas de alfabetização seriam disseminados pelo Brasil, tal projeto foi orientado com base na proposta de Paulo Freire. Ressalta-se que o período foi marcado pela interrupção do plano pelo Golpe Militar, tendo ainda seus promotores reprimidos duramente. Sendo que no ano de 1967, o governo assume o controle dos Programas de Alfabetização de Adultos, tornando-os assistencialistas e conservadores (BISSOLI, 2012; FERREIRA; MARTINELLI, 2014). Durante o período

militar o governo lançou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), tendo como objetivo central uma Campanha Massiva de Alfabetização. O MOBRAL ganhou força a partir da década de 1970, sendo expandido por todos os estados brasileiros, diversificando sua atuação, houve ainda diversas iniciativas derivadas desse programa, porém, o mais importante foi o Programa de Educação Integrada, sendo uma forma condensada do antigo curso primário (DANTAS, et al., 2017; MARQUES, 2018).

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas. (BELLO, 1993. p.4).

Toda a política desenvolvida pelo governo Militar visava o treinamento das classes subalternas para o mercado de trabalho, buscando atender as demandas crescentes do capital, através do instrumento básico considerado necessário: leitura, escrita e aritmética (LEITE, 2013, p. 22).

Fica evidente que no período da ditadura os programas educacionais ganharam uma nova face, principalmente os voltados para a educação de jovens e adultos, tendo em vista que a principal meta daquele governo era capacitar a população carente, para que os mesmos fossem utilizados como uma mão-de-obra barata na indústria.

Durante o período que o Mobral existiu como programa de educação no Brasil, 15 anos, não aconteceram grandes avanços, principalmente levando em consideração que das quarenta milhões de pessoas matriculadas, apenas 10% foram alfabetizadas. O até então Ministro da Educação e o presidente do Mobral, Mário Henrique Simonsen e Jarbas Passarinho, respectivamente, buscaram recursos e apoio com a justificativa de acabar com o analfabetismo no Brasil e assegurar as empresas mão-de-obra qualificada para as empresas parceiras do programa. Esses recursos eram obtidos através do Imposto de Renda, 1%, e da loteria esportiva, 24% (PEROZA, 2012; CASANOVA, 2015).

É bastante notório as manobras que o governo militar utilizava para capitar recursos financeiros com a promessa de melhorias na qualidade do ensino nas escolas, porém, não é observado durante esse período quaisquer investimentos de grande porte que possam comprovar as melhorias prometidas pelo governo.

Observa-se ainda que no fim do período da ditadura militar, ano de 1980, a sociedade brasileira iniciou o processo de reabertura democrática, tal fato instigou novas e relevantes transformações sócio-políticas. Neste cenário de mudanças, nota-se que

estudantes, educadores e políticos unem forças na luta em defesa do direito universal a educação. Assim, com a implementação da Nova Constituição de 1988, a EJA conseguiu avanços significativos, tendo em vista que a Constituição torna a educação um direito constitucional, garantido o ensino fundamental, obrigatório e gratuito para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade apropriada. A educação perde o papel tradicionalista, imposto pelo regime militar, e passar ter como foco principal um ensino mais qualidade e baseado no crescimento do aluno (OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2015).

Seguindo as mudanças pós-regime militar, na década de 1990 são vistas diversas iniciativas em defesa da EJA. Frisa-se que neste período os Estados e municípios brasileiros mostram mais interesse neste assunto, buscam parcerias entre ONGs, universidades, grupos informais, populares, fóruns estaduais e nacionais. O estudo de Gadotti (2014) aponta que no ano de 1997, a história da EJA começa a ser escrita, através dos fóruns acontecidos naquele ano, gerando a partir disso o “Boletim da Ação Educativa”.

Ressalta-se também que neste período a EJA obteve um foco mais amplo. Em uma sociedade igualitária e com seu sistema educacional eficiente e eficaz, faz-se necessário que as suas áreas de educação estejam focadas e valorizadas, frisa-se que não existe a possibilidade de desvencilhar um da outra.

Fica bem claro que esta modalidade de ensino surgiu como função reparadora de uma dívida social que o país tem com os jovens e adultos que por diversos motivos, principalmente sociais, não conseguiram concluir a educação básica nas correspondentes idades. Sendo assim, esta função não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento. (BRASIL, 2007. p. 02).

Corroborando com esse pensamento Fialho (2007) ressalta a relevância do modelo educacional ter como proposta a criação de situações pedagógicas satisfatórias que busquem atender as demandas educacionais específicas dos alunos que estão inseridos neste contexto. Assim, a EJA precisa romper as barreiras de apenas mais um processo de ensino-aprendizagem, pois, a mesma possui a construção de uma nova perspectiva.

A EJA traz em seu contexto uma quebra de paradigmas e preconceitos, em vista que os alunos que participam das classes dessa modalidade, em sua maioria, são adultos que escolheram trabalhar quando crianças, em uma tentativa de auxiliar os pais na renda

familiar, o que ocasionou a atraso nos estudos. Tais fatos demonstram a importância da EJA na vida dessas pessoas.

2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ATUALIDADE

Assim como é observado na LDB 9394/96, a EJA traz a concepção criada a partir do pensamento de Paulo Freire, cujo propósito é levar a alfabetização a Jovens e Adultos que não puderam cursar a educação básica por falta de oportunidade, por exemplo, muitos jovens antigamente abandonavam a escola ou até mesmo não cursavam para ajudar os pais em seus trabalhos no campo, como também por residirem em interiores onde o acesso à educação era defasado (BRASIL, 1996).

Essa realidade apresentada é bastante comum nos estados do Norte e Nordeste do país, em vista da grande desigualdade social presente nessas regiões. Áreas com altos índices populacionais e poucos investimentos para a educação e saúde, acarretam prejuízos quanto a formação profissional e pessoal dessa população.

A EJA- educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria. É um curso ofertado a jovens a partir dos 15 anos de idade, pela secretaria de educação, presencial ou a distância (NASCIMENTO, 2013, p. 9).

O grupo de alunos regulares da EJA é constituído por um público mais diferenciado, ou seja, um grupo mais velho. Faz-se necessário então que os mesmos sejam tratados de forma diferente dos alunos que cursam o ensino regular cronológico (VIEGAS; MORAES, 2017). A EJA tem como público alvo jovens a partir dos 15 anos e adultos, sem uma idade padrão para esse público. No trabalho desenvolvido por Di Pierro (2010) observa-se que a EJA é organizada em dois segmentos, o Ensino Fundamental I e II. No Ensino Fundamental I a EJA é dividida em dois segmentos, o primeiro compreende a 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, o segundo consiste na 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. Ainda existe duas etapas que compreendem a 5ª série à 8ª série, presentes no segundo da EJA (DI PIERRO, 2010).

Para Oliveira (1999) o grupo de alunos da EJA é composto por pessoas vindas de áreas rurais pobres, sendo filhos de trabalhadores rurais não qualificados, com baixo nível de instrução escolar. O autor frisa ainda que uma parcela dessas pessoas teve contato com a escola em alguma etapa de suas vidas, sendo experiências não sistemáticas, devido ao

trabalho rural na infância e adolescência (OLIVEIRA, 1999). Diante deste cenário é possível imaginar que os alunos integrantes da EJA possuem experiências de vida que podem interferir no seu processo de aprendizagem, ao levar em consideração o tempo que passaram longe das escolas, vivendo apenas do trabalho no meio rural.

É necessário lembrar que a permanência dos alunos do EJA não depende exclusivamente apenas da oferta de uma estrutura adequada, pois, o processo de ensino-aprendizagem na EJA difere do processo da educação regular. Di Pierro (2010) explica que as escolas que oferecem a EJA passaram por muitas modificações durante os anos, principalmente no quesito de instância estratégica de oportunidades e de qualificação das mudanças estruturais. O autor enaltece ainda o viés social dos programas de educação, ao pensarem na realidade a qual as pessoas estavam inseridas (DI PIERRO, 2010). Frisa-se a necessidade de conhecer e compreender o cenário que esses alunos estão vivendo, levando em consideração cada aspecto da vida dessas pessoas, para que a oferta da educação seja eficiente e eficaz.

Ao analisar o contexto do EJA no Brasil, observou que no ano de 2010 existiam aproximadamente 8 milhões de alunos matriculados, porém, cerca de 43% desse quantitativo não concluíram as etapas oferecidas por essa modalidade de ensino. Para Klein e Freitas (2011) os dados apresentados são de suma importância para a criação de metodologias e estratégias que busquem reduzir os índices de evasão e contribuam para diminuição do analfabetismo nacional. A criação desses mecanismos educacionais pode contribuir significativamente para a permanência dos alunos no EJA, principalmente, aqueles que possuem grandes dificuldades no processo de ensino-aprendizagem que é proposto nesta modalidade.

Na literatura observa-se estudos que mostram a diminuição do interesse pelos estudos e o aumento da evasão dentro da EJA. Cita-se como exemplo a região sudeste onde a média aproximada de evasão na EJA é de 20% por trimestre, nota-se assim que a cada ano letivo as salas da EJA estão ficando cada vez mais vazias (SILVA, et al., 2012). Para Naiff e Naiff (2008) os números tem aumentado no decorrer dos anos, devido a promessa de que com os estudos seria mais fácil conseguir emprego. No estudo de Pedralli e Cerutti-Rizzatti (2013) nota-se que o principal motivo para a evasão da EJA nessa região é a falta de domínio de alfabetização.

Enquanto isso, na região Norte do Brasil a principal causa de evasão acontece devido a escolha dos alunos em auxiliar os pais e/ou trabalhar, representando 10% por ano (COELHO; OLIVEIRA, 2013). Frisa-se ainda que a realidade apresentada por essas

peças é o principal desafio para permanecer na escola, como aborda o trabalho de Oliveira et al., (2015).

O trabalho de Campos (2003) aponta que os motivos causadores de insatisfação e desistência em sala de aula são:

o trabalho para auxiliar na renda familiar; a estrutura e condições de transporte e de segurança na escola; os horários das aulas que não são coerentes com as obrigações do trabalho, outros cursos de ensino, preparação para cursos superiores e concursos públicos; a relação com os professores e com o material didático; e a descrença na formação como maneira de desenvolvimento futuro (CAMPOS, 2003, p. 15).

Em uma busca de frear os números de analfabetismo no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) em 2003 criou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, que tinha como prioridade a alfabetização de jovens e adultos. Para alcançar as metas de erradicação do analfabetismo, a secretaria lançou o programa Brasil Alfabetizado. Esse programa buscou firmar parcerias entre o MEC, os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que assim fossem elaboradas ações de alfabetização que fossem eficientes e eficazes, para atender as necessidades da população que utilizava esse serviço. Segundo MEC (2015):

O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal (MEC, 2015, p. 3).

No ano de 2020, mais de 3 milhões de brasileiros estavam matriculados na EJA, os maiores índices de matrícula são da Região Nordeste e Sudeste, com 1,2 milhão e 938,9 mil, respectivamente (BRASIL, 2021). Na tabela 1 tem-se os dados referentes ao número de matrículas da EJA no período de 2010 a 2020, relacionado a oferta da EJA integrada à Educação Profissional.

Quadro 1 – Número de matrículas na EJA – Brasil – 2010 e 2020

Categoria do EJA	2010	2020
EJA integrada à Educação Profissional	53.161	54.238
EJA não integrada à Educação Profissional	4.272.426	2.948.511
Total EJA	4.325.587	3.002.749

Fonte: Elaborado a partir de Brasil (2021).

Com base nos dados apresentados ressalta-se a necessidade de ampliar as ações voltadas para a oferta da EJA integrada à Educação Profissional, para que assim seja possível a inserção de jovens e adultos no mercado de trabalho. Quanto o número de matrículas por estados da região Norte no ano de 2020, a figura 1 traz os seguintes dados.

Figura 1 – Número de matrículas na EJA e porcentagem de matrículas integradas à Educação Profissional – 2020

Unidade da federação	Matrículas na EJA								
	EJA			EJA Nível Fundamental			EJA Nível Médio		
	Total EJA	Integrada à Educação Profissional	% matrículas integradas à Educação Profissional	Total EJA	Integrada à Educação Profissional	% matrículas integradas à Educação Profissional	Total EJA	Integrada à Educação Profissional	% matrículas integradas à Educação Profissional
Brasil	3.002.749	54.238	1,8	1.750.169	9.328	0,5	1.252.580	44.910	3,6
Região Norte	326.370	2.265	0,7	207.531	277	0,1	118.839	1.988	1,7
Rondônia	32.240	28	0,1	14.732	0	0,0	17.508	28	0,2
Acre	21.961	57	0,3	14.069	57	0,4	7.892	0	0,0
Amazonas	70.644	728	1,0	48.599	15	0,0	22.045	713	3,2
Roraima	8.979	18	0,2	3.014	0	0,0	5.965	18	0,3
Pará	157.400	987	0,6	108.315	205	0,2	49.085	782	1,6
Amapá	17.703	81	0,5	10.847	0	0,0	6.856	81	1,2
Tocantins	17.443	366	2,1	7.955	0	0,0	9.488	366	3,9

Fonte: Brasil (2021).

Os dados apontam que o estado com maior quantitativo de matrículas na EJA é o Pará, seguido pelo Amazonas, Rondônia e Acre. Os menores índices estão no Amapá, Tocantins e Roraima, sendo o último estado a menor taxa. Faz-se necessário que esses estados busquem alternativas para elevar os seus índices de matrículas, além de propor

estratégias para evitar a evasão escolar e a falta de interesse dos mesmos. Para Di Pierro (2016, p. 15) essa diminuição pode estar relacionada com duas hipóteses:

A primeira delas tem a ver com o mercado de trabalho. Durante o período em que a economia e as taxas de emprego cresceram, o mercado absorveu mão de obra mesmo com baixa qualificação, segundo dados do Pnad [Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios]. Ou seja, a pressão no mercado de trabalho não estaria operando em favor de as pessoas retomarem o estudo. [...]. A segunda hipótese é que ainda não construímos uma cultura do direito à educação ao longo da vida. O mesmo não acontece com a cultura do direito educação na infância e na adolescência, que vem sendo construída desde a redemocratização. Hoje, é inaceitável que uma criança esteja fora da escola na chamada idade escolar. Uma mãe analfabeta, com muito baixa escolaridade, vai brigar pelo direito do filho a ter uma vaga na escola. Mas provavelmente não brigará pelo dela. Ela não se vê como alguém que tem direito à educação.

Para Martins e Agliardi (2013) os estados brasileiros estão oferecendo altos números de vagas para a EJA, como uma alternativa de diminuir o número de pessoas analfabetas no país. Porém, faz-se necessário lembrar que essa não é uma alternativa eficaz, tendo em vista a falta de investimento orçamentário nessa área, além da necessidade de valorizar o trabalho dos docentes e seus saberes, como aporte às transformações necessárias dos sistemas educativos. Destaca-se ainda a relevância de investimentos na gestão e flexibilização dos sistemas educativos, para que assim seja possível oferecer oportunidades de aprendizagens qualificadas aos docentes (NOVAIS; GOMES, 2019).

Nesta perspectiva, percebe-se que a EJA passou por diversos momentos de fracassos, principalmente durante o regime da ditadura, além de críticas no quesito de buscar um ensino de qualidade, para que através do mesmo os alunos possam ter uma vida mais digna, tendo como futuro um país com mudanças positivas. Salienta-se também que a sociedade em geral, tem colaborado na busca por uma educação de qualidade e igual para todas as pessoas (SALDANHA, 2007; MONTEIRO; MOURA, 2012).

O esforço das pessoas em voltar aos estudos mesmo depois de muitos anos longe da sala de aula pode estar relacionado com a afetividade presente nas relações entre os professores e alunos, como será abordada nos próximos tópicos.

2.3 CONCEITUANDO A AFETIVIDADE

Quando se fala em afetividade a palavra remete um carinho, um aconchego, abraços e o conforto que determinadas pessoas nos proporcionam. Porém, o conceito de afetividade tem relação com o potencial de interação que o ser humano possui com o meio no qual estar inserido, desenvolvendo-se e adequando-se ao mesmo. Faz-se necessário compreender os aspectos históricos que permeiam a afetividade. Nesta perspectiva Amaral (1997, p. 25) dizem que,

a partir do desenvolvimento da linguagem nomes foram concedidas as sensações de afeto, possibilitando sua demarcação e elucidação. No entanto ainda é difícil transmitir uma definição precisa devido a existência de um componente subjetivo, e, também, não existe uniformemente quanto a melhor terminologia a ser empregada, para designar essas sensações.

O autor reforça em sua obra que a afetividade tem um papel de grande relevância no que diz respeito ao desenvolvimento social das pessoas e do seu conhecimento, observando ainda que os aspectos afetivo e cognitivo trabalham em conjunto no desenvolvimento das individualidades dos indivíduos sociais (AMARAL, 1997). Percebe-se a partir disso que cada pessoa possui uma bagagem emocional, podendo ou não demonstrar essas emoções ao longo do tempo, sendo a interação social um aspecto muito importante no comportamento emocional dos indivíduos, como aponta Almeida (2012).

Sobre esse panorama de sentimentos, Almeida (2012, p. 35) analisa a obra de Wallon, apontando como conceito de afetividade a seguinte descrição:

A afetividade está sempre ligada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, exposta através das emoções, das paixões e dos sentimentos. A emoção é a forma de expressão da afetividade que se manifestam em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo.

Percebe-se a partir desta conceituação que a afetividade pode relacionar-se tanto com sentimentos bons quanto ruins, tendo as relações sociais como principais percursores destes sentimentos. Frisa-se que a interação social é o principal meio de construir as relações afetivas dentro da sociedade contemporânea.

Nota-se na literatura alguns estudos que analisam a afetividade dentro do contexto escolar, tendo como base de análise a afetividade de forma mais particular, construindo parâmetros de aceitação que corroborem com a relevância do uso da afetividade em sala de aula. Os estudos defendem a utilização da afetividade em sala de aula como uma

ferramenta facilitadora do desenvolvimento pessoal e cognitivo das pessoas (PIAGET, 1998; ALMEIDA, 1999; ARANTES, 2003; LEPRE, 2008; ALMEIDA, 2012; TASSON; LEITE, 2013; SANTOS, 2014).

2.4 CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como vem sendo discutido ao longo do trabalho é notório o papel de grande relevância que a afetividade possui dentro do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente por estimular os alunos na construção dos conhecimentos educacionais, assim como o desenvolvimento do seu perfil social e profissional, como aponta Tassoni e Leite (2013).

É importante salientar que o processo de aprendizagem acontece de maneira única para cada pessoa, tendo em vista que este é um processo contínuo e que tem na afetividade uma aliada, principalmente levando em consideração que o processo de ensino que não se pauta na afetividade pode prejudicar o desenvolvimento cognitivo da pessoa (SANTOS, 2014).

Em uma das obras idealizadas por Jean Piaget, o autor defende o pressuposto de que o desenvolvimento intelectual é construído a partir dois alicerces, o cognitivo e o afetivo, isto é, ambos desenvolvimentos estão intrinsecamente relacionados. Nas palavras de Piaget (1975) “[...] os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irredutíveis [...]”. Corroborando com a proposta desenvolvida por Piaget, o autor Vygotsky (1998, p. 42) aponta ainda:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno.

Percebe-se a partir da concepção dos autores que a aprendizagem deve ser construída levando em consideração os aspectos afetivos, ressaltando ainda o papel de grande importância que a afetividade traz consigo no processo de ensino-aprendizagem dentro das salas de aula. Nesta perspectiva, é relevante que todos os sujeitos envolvidos nesse processo, compreendam qual é o seu papel e sua relevância para que o processo ocorra de forma clara e objetiva, evitando assim possíveis danos aos alunos.

2.5 A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No contexto educacional a afetividade torna-se uma ferramenta de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente por estreitar os laços de amizade e afeto que são desenvolvidos durante o período que os mesmos estão nas salas de aulas. A afetividade ainda é responsável por tornar a sala de aula um ambiente agradável e seguro, onde os alunos podem ser eles mesmos, sem que aconteça qualquer julgamento e/ou preconceito.

A afetividade se constitui como uma das habilidades que as profissionais de Educação Infantil precisam utilizar para elaboração das propostas pedagógicas, no planejamento das atividades e na mediação das relações entre professora-criança, entre criança-criança e entre as crianças e os objetos de conhecimento. Dessa forma, a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar (CACHEFFO; GARMS, 2015, p. 25).

Observa-se assim que a afetividade possui um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem nas escolas, independente da série escolar e/ou idade dos alunos. Esse processo afetivo torna-se um aliado na busca por soluções educacionais que visem melhorar o desempenho dos estudantes na sala de aula.

Como vem sendo apresentado no decorrer deste trabalho, os estudantes da EJA possuem uma trajetória marcada por diversos conflitos, principalmente a evasão escolar presente em toda sua vida acadêmica. Tais fatos podem ocasionar problemas na construção de relações com os professores e também com os demais alunos. Neste contexto, a afetividade transforma-se em uma aliada para construir as relações entre os professores e os alunos, levando em consideração os sentimentos que os alunos da EJA carregam consigo, evitando eventuais problemas (FREIRE, 2003).

Os alunos têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos e muitas vezes pensam que serão os únicos adultos em classes de crianças, sentindo-se por isso humilhados e tornando-se inseguros quanto a sua própria capacidade de aprender. (OLIVEIRA, 1999, p. 59).

O processo da afetividade é importante para construir um ambiente seguro e livre de preconceitos para os alunos da EJA, tendo em vista que a maioria desses alunos possuem certos receios em voltar para a sala de aula, acreditando que serão hostilizados e humilhados pelos demais estudantes. Faz-se necessário ressaltar a relevância de sempre

que possível os professores elaborem dinâmicas que coloque os alunos como o centro do aprendizado.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Para classificação da pesquisa foram utilizadas as definições de Prodanov e Freitas (2013). Quanto à natureza tratou-se de uma pesquisa aplicada, onde segundo os autores esta pesquisa objetiva gerar conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos. Quanto à abordagem, a pesquisa tem caráter qualitativo. De acordo com os autores, na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, não havendo qualquer manipulação por parte do pesquisador. Os aspectos quantitativos desta pesquisa permitem traduzir em números as opiniões e informações com a finalidade de classificá-las e analisá-las.

3.2 COLETA DE DADOS

O estudo utilizou dados secundários, encontrados nas principais bases de dados científicos, como: a) Google Scholar, b) Scielo, c) Plataforma Sucupira e nas bases das bibliotecas virtuais. Serão utilizadas as seguintes palavras-chave para a pesquisa: ‘educação de jovens e adultos’, ‘EJA’, ‘afetividade’, ‘afetividade na EJA’, com recorte temporal no período de 2015 a 2021.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Como critérios de inclusão foram selecionados para fins de análise artigos, teses, dissertações e monografias publicadas nos periódicos descritos anteriormente no período de 2015 a 2021. Observou-se a linha descritiva dos artigos quanto à experiência promovida pela afetividade na EJA, bem como a relevância da mesma para fins de construção da identidade do aluno da EJA.

Na tentativa de compreender aspectos pautados e discutidos por pesquisadores/educadores acerca da afetividade na EJA, utilizamos os procedimentos da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011). Segundo a autora, as etapas da análise são i) pré-análise, ii) exploração do material e iii) tratamento dos resultados. A pré-análise contempla a organização do material, a qual consideramos todo o movimento de seleção do corpus acima descrito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no levantamento realizado obteve-se 8 estudos que tinham como foco a afetividade na Educação de Jovens e Adultos. Para compreender melhor os resultados, os dados serão apresentados no quadro a seguir.

Quadro 2 – Estudos envolvendo a Afetividade e o EJA

AUTOR(ES)	TÍTULO	OBJETIVO	BENEFÍCIO	PONTOS POSITIVOS
Soares (2016)	A influência da afetividade na aprendizagem de Jovens e Adultos	Analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno na EJA.	Melhora o desempenho dos alunos.	Construção da relação professor-aluno, aluno-aluno.
Silva e Silva (2016)	A afetividade como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos	Discutir de que forma a afetividade, como ferramenta de trabalho docente, em especial com alunos da EJA	Torna os estudantes mais receptivos ao aprendizado.	Contribui para o amadurecimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.
Rufino e Carmo (2017)	Afetividade no contexto educacional da EJA: possibilidade para conter a evasão escolar	Averiguar as práticas pedagógicas, observando a relação professor e aluno.	Melhora o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.	Ameniza a evasão escolar.
Souza e Magalhães (2017)	Afetividade na educação de	Analisar a importância da afetividade no	Motiva a frequência e a	Evita a evasão escolar.

	<p>jovens e adultos no processo de ensino e de aprendizagem</p>	<p>processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Gadelha de Oliveira Filho</p>	<p>permanência desse aluno na escola.</p>	
<p>Macedo (2017)</p>	<p>Afetividade entre professores e Alunos como fator estratégico para enfrentamento da evasão na EJA</p>	<p>Discutir a importância da afetividade entre professores e alunos, dentro da relação didática, como fator que contribui para a não interrupção dos estudos por parte dos alunos da EJA.</p>	<p>Aumenta a autoestima dos alunos.</p>	<p>Evita a evasão escolar na EJA.</p>
<p>Camargo (2017)</p>	<p>Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente</p>	<p>Apresentar as representações sociais dos professores da EJA sobre sua formação docente e a afetividade no</p>	<p>Estreita as relações entre os professores e os alunos dentro da sala de aula.</p>	<p>Assegura a permanência dos alunos na sala de aula.</p>

		processo de ensino-aprendizagem.		
Abrahão (2018)	A Afetividade na relação de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: uma professora experiente	Compreender, refletir e analisar de que modo a afetividade contribui para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.	Melhora o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.	Contribui para a permanência dos alunos na sala de aula.
Aquino et al., (2020)	As relações afetivas na educação da EJA	Analisar a prática pedagógica de docentes da EJA, de uma escola pública, do Município Joaquim Nabuco-PE, a partir da práxis da afetividade direcionadas no dia a dia em sala de aula.	Evita que o processo de evasão escolar na EJA seja constante.	Estimula o aprendizado dos alunos.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Com base nos dados apresentados percebeu-se que os estudos veem na afetividade uma ferramenta de combate à evasão escolar no EJA, sendo este um fator bastante frequente e que acontece devido aos problemas pessoais dos alunos, como o cansaço devido ao trabalho (AQUINO et al., 2020).

Leite e Gazoli (2012) defendem que a afetividade deve ser um processo constante nas salas de aulas da EJA, para que o ensino-aprendizagem dos alunos seja alcançado de forma significativa, além de evitar o abandono da escola frente as dificuldades que podem acontecer no decorrer do tempo.

Outros pontos observados nos estudos referem-se ao fato de que a afetividade torna a relação professor-aluno e aluno-aluno mais estreita e forte, estabelecendo laços de amizades e companheirismo durante todo o período escolar e que muitas vezes ultrapassa as barreiras das escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização desta pesquisa foi possível compreender o papel da afetividade na vida do aluno do EJA e como ela melhora as relações pessoais e profissionais, além de facilitar o aprendizado destes estudantes. Compreendeu-se também que ao trabalhar a afetividade em sala de aula é possível melhorar a autoestima dos alunos, principalmente em cada conquista realizada pelos mesmos. É sabido que nós, como seres humanos, necessitamos de afeto e respeito, quando esses sentimentos acontecem na escola o aluno se sente capaz de realizar quaisquer atividades, sendo ótimos para desenvolver e construir o perfil social de cada um.

As práticas pedagógicas voltadas para a afetividade tornam o processo de aprendizagem mais prazeroso e menos complexo na perspectiva dos estudantes, em especial para os alunos da EJA.

Dentro da afetividade o professor possui um papel de grande relevância, pois, o primeiro passo para a construção dessa relação deve partir do mesmo, principalmente em levar em consideração o cenário no qual os alunos do EJA estão inseridos. Desta forma, é interessante que os docentes elaborem estratégias educativas que visem melhorar o desenvolvimento dos seus alunos, sem que aconteça a perda dos conteúdos programáticos propostos na grade curricular.

Observou-se também que a EJA trilhou um longo caminho na busca por uma educação de qualidade e igualdade para todas as pessoas, independente da classe social, gênero, etnia e práticas religiosas. Ressalta-se também que mesmo que seja o longo caminho percorrido ainda existe uma demanda maior, para que a EJA seja efetivada em sua totalidade, principalmente levando em consideração a gama de diversidade que essa modalidade de ensino possui. A EJA tornou-se uma porta de entrada para todos aqueles que buscam a melhoria na qualidade de vida, um futuro digno e mudanças sociais.

No que tange as Políticas Públicas para a EJA faz-se necessário repensar alguns contextos, principalmente levando em consideração o ato de ensinar por ensinar. É necessário que nós, como educadores, tenhamos em mente as especificidades das pessoas que integram as salas de aula da EJA. Assim, temos que propor medidas e estratégias para formular novas políticas públicas que sejam eficientes e que atendam a todas as pessoas, observando especialmente o contexto no qual elas estão inseridas.

Algumas dificuldades foram encontradas no decorrer deste trabalho, em especial a busca por estudos que possuíssem os critérios de inclusão dentro da nossa pesquisa,

assim como dados que corroborassem com esses estudos. Observou-se que a maioria dos estudos encontrados se datam do ano de 2017, sugerindo-se a necessidade constante de estudos nesta área, devido a relevância da mesma. Como próxima etapa seria interessante em realizar um estudo sobre a afetividade dentro da Educação de Jovens e Adultos ofertadas pelas escolas no município de Laranjal do Jari, Amapá.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, B. C. J. **A afetividade na relação ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos: uma professora experiente.** Monografia (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação. Rio de Janeiro. 45f. 2018.
- ALMEIDA, L. R. **Afetividade aprendizagem e Educação de jovens e adultos: Relatos de pesquisas na perspectiva de HENRI WALLON** – 1 ed. São Paulo; Loyola 2012.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon.** *Psicologia: teoria e pesquisa*, 13(2), p. 239-249, 1997.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- AQUINO, M. G. S. et al. **As relações afetivas na educação da EJA.** In: VII Congresso Nacional de Educação. Maceió, 2020.
- ARROYO, M. G. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: Leôncio (org.) **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ARROYO, M. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- BELLO, J. L. P. **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar.** Pedagogia em Foco, Vitória, 1993.
- BISSOLI, I. A. M. **Política Pública e educação: a modalidade de ensino EJA como referencial de inclusão social.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394. **Diário Oficial da União**, Brasília, dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. PROEJA Documento Base. Brasília, 2007.
- BRASIL. Anuário da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos. Brasília. 2021.
- CAMARGO, P. S. A. S. **Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1567-1589, out./dez. 2017

CAMPOS, E. L. F. **A Infreqüência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais.** 2003. (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CASANOVA, K. C. L. **EJA e educação escolar: Um estudo de como o aluno constitui sentidos sobre a escola e seu processo de escolarização.** Mestrado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. 2015.

CACHEFFO, V. A. F. F.; GARMS, G. M. Z. **Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil.** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015.

COELHO, W. D. N. B.; OLIVEIRA, R. D. S. **A Educação de Jovens e Adultos: uma investigação por meio da prática docente de professores de História.** XXVII Simpósio Nacional de História. Natal RN 2013.

DANTAS, T. R.; NUNES, E. J. F.; LAFFIN, M. H. L. F. **EJA, formação de professores e diversidade cultural. In Educação de Jovens e Adultos: políticas públicas, formação de professores e diversidade multicultural.** Antônio Amorim, Tânia Regina Dantas e Maria Sacramento Aquino (org) – Salvador: EDUFBA, 2017.

DI PIERRO, M. C. Balanço e desafios das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In: SOARES, Leôncio et al. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. ENDIPE 15.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DI PIERRO, M. C. **Perdemos 3,2 milhões de matrículas na Educação de Jovens e Adultos.** In: ÉPOCA. Entrevista em 27 06 2016.

EUGÊNIO, B. G. **O Currículo na Educação de Jovens e Adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: PUC/MG, Dissertação de Mestrado. 2004.

FERREIRA, A. A.; MARTINELLI, S. C. Estudantes da Educação de Jovens e Adultos: considerações sobre o perfil e desempenho escolar. **Educação: teoria e prática**, v. 26 (52), p. 312-331, ago. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido:** Paz e Terra. 11ª edição, 2003.

GADOTTI, M. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos.** São Paulo: Moderna, 2014. 39 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HADDAD, S. **Relatório preliminar de pesquisa: a situação da educação de jovens e adultos no Brasil.** São Paulo: Mimeo, 2006.

KLEIN, C. R.; FREITAS, M. D. C. D. **Motivos do abandono escolar na educação de jovens e adultos: estudo de caso escola do Paraná.** Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. Curitiba PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR 2011.

LEITE, S. A. S. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA.** São Paulo Cortez, 2013.

LEITE, S. A. S.; GAZOLI, D. G. D. **Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos.** EJA EM DEBATE, Florianópolis, vol. 1, n. 1. nov. 2012.

MACEDO, T. A. **Afetividade entre professores e alunos como factor estratégico para enfrentamento da evasão na EJA.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – ESE – Politécnico do Porto. 143f. 2017.

MARQUES, P. O. **História da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil: breves reflexões.** Monografia (Graduação) – UFPB. João Pessoa. 2018.

MARTINS, A. T. O; AGLIARDI, D. A. **A legislação de educação de jovens e adultos a partir da constituição federal de 1988.** In: Anais do seminário Diálogo com a educação: desafios da EJA contemporânea. 2013.

MEC, Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015.** Brasília, DF. 2015.

MONTEIRO, A. L.; MOURA, A. P. M. **A história identitária dos alunos da EJA e o perfil do profissional que atua nessa modalidade.** In: Fórum Internacional de Pedagogia-IVFIPED. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

NAIFF, L. A. M.; NAIFF, D. G. M. **Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais.** Psicol. Soc., v. 20, n. 3, p. 402-407, 2008.

NASCIMENTO, S. M. **Educação de Jovens e Adultos EJA, na visão de Paulo Freire.** 2013. 45 f. Monografia (Especialização em educação: métodos e técnicas de ensino) - Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paranavaí, 2013.

NOVAIS, V. S. M.; GOMES, M. P. R. **A Educação de Jovens e Adultos no Estado do Amapá: perspectivas e apontamentos sobre seu perfil atual.** Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 5, p. 529 - 558, Edição Especial 2019.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 12, p.59-73, Set./Out./Nov./Dez. 1999.

OLIVEIRA, J. M. D. P. et al. **"Evasão" e/ou "expulsão"? uma análise do que ocorre com alunos da educação de jovens e adultos.** Anais II CONEDU, v. 2, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, R. N. M. **Práticas curriculares significativas para a educação de jovens e adultos: Uma construção à partir de suas histórias de vida.** Dourado em Educação: Currículo. 2013.

PEDRALLI, R.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. **Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita.** Rev. bras. linguist. apl., v. 13, n. 3, p. 771-788, 2013.

PEROZA, J. **Reflexões sobre cultura e diversidade cultural em Paulo Freire: um humanismo crítico para a transculturalidade em educação.** IX Anped Sul, 20-25 jan. 2012.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: INL, 1975.

RUFINO, E. L.; CARMO, R. R. **Afetividade no contexto educacional da EJA: possibilidade para conter a evasão escolar.** Monografia – Universidade Rural da Amazônia. Augusto Corrêa. 55f. 2017.

SANTOS, F. M. **Afetividade na Prática Docente como Forma de Combater a Evasão Escolar: Experiência com Alunos do Instituto Luciano Barreto Júnior.** Caderno Intersaberes. Vol.3, no.4, pg.117 – 127. Janeiro – Dezembro de 2014.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica.** 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, J. L. D.; BONAMINO, A. M. C. D.; RIBEIRO, V. M. **Escolas eficazes na educação de jovens e adultos: estudo de casos na rede municipal do Rio de Janeiro.** Educação em Revista, v. 28, n. 02, p. 367-392 2012.

SILVA, S. L. L.; SILVA, T. L. G. **A afetividade como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos.** e-Mosaicos – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, v.5, n.10, 2016.

SOARES, M. C. **A influência da afetividade na aprendizagem de Jovens e Adultos.** Monografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 43f. 2016.

SOUZA, L. D.; MAGALHÃES, M. L. F. **Afetividade na educação de jovens e adultos no processo de ensino e de aprendizagem.** Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação. João Pessoa. 54f. 2017.

TASSONI, E C. M.; LEITE, S. A. S. **Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: As Contribuições da Teoria Walloniana.** Educação Vol.36, no.2, pg.262-271. Porto Alegre, 2013.

VIEGAS, A. C. C.; MORAES, M. C. S. **Um convite ao retorno: relevâncias no histórico da EJA no Brasil.** RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. 1, p. 456-478, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.